

**Resenha de**

SILVA, Wagner R. *Estudo da gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2011.

**GRAMÁTICA EM NÍVEL TEXTUAL: UMA APOSTA PARA O ENSINO-  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA NOS CONTEXTOS ATUAIS  
GRAMMAR IN TEXTUAL LEVEL: A BET FOR TEACHING-LEARNING  
ENVIRONMENTS OF MOTHER TONGUE IN CURRENT**

---

**Aurílio Soares da Silva\***

Face à importância da língua no processo de formação, tanto de professores quanto de outros profissionais, tem se observado nos últimos anos, advindo principalmente dos estudiosos da área, uma discussão sobre o que vem a ser o processo de ensino/aprendizado de língua materna, tanto nas escolas básicas como em nível de graduação. Sobre o assunto, Correa e Saleh (2007, p. 10) afirmam que “estamos, na verdade, vivenciando uma crise no ensino de língua materna (que certamente se estende ao ensino como um todo), que poderíamos bem definir como uma crise de método”.

Sem dúvida, são muitos os trabalhos já publicados que trazem como tema uma tentativa de abordagem inovadora a respeito do que se entende por ensino de língua materna, tendo em vista que esse ensino atualmente ainda é alicerçado, em sua maioria, no modelo tradicional prescritivo da gramática normativa.

Um desses trabalhos, intitulado de *Estudo da gramática no texto: demandas para o ensino e a formação do professor de língua materna*, discute o estudo da gramática de forma inovadora. Focaliza a análise linguística na concepção da gramática funcional, em nível textual, defrontando-se com a tradição prescritiva do ensino gramatical. Essa abordagem é inspirada na teoria hallidayiana, “ainda que não adotemos o enfoque sistêmico” diz Wagner Rodrigues Silva, autor da obra, (p. 42). Visto que nos termos de Neves (2006, p. 17- 18):

---

\*Acadêmico do curso de Letras da UFT/Campus de Araguaína, bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: [auriliosoares@hotmail.com](mailto:auriliosoares@hotmail.com)

---

[...] funcionalismo é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que se servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão. [...] Funcional é a comunicação, funcional é a própria organização interna da linguagem. (p. 43).

Esta obra, organizada em três capítulos, traz, logo de início, na apresentação, uma constatação: a gramática não foi abolida do ensino, ou seja, esse fator deixa de ser o ponto de discussão, diz o autor. O que passa a ser questionado agora são as concepções e métodos a serem implantados com mais produtividade e eficácia no seu desempenho e finalidade.

Tendo em vista uma abordagem tão instigante, como a mencionada aqui, ela passa a ser, evidentemente, possibilidade de solução indicada para contemplar tais questionamentos com relação ao ensino de gramática. Mas, como bem salientou Inês Signorini, ao apresentar as contribuições do volume no prefácio do livro, as indagações recorrentes – para ela “encenações paralisantes” – como: “ensinar gramática ou ensinar texto? ensinar o padrão ou ensinar as normas? ensinar Língua Portuguesa ou ensinar Linguística? ensinar para o teste ou ensinar para a vida? etc etc.” (p. 15), apontam que ainda há resistência, ou no mínimo uma desconfiança, acerca desses métodos inovadores para o ensino de gramática.

Sobre esse impasse das inovações pedagógicas no contexto educacional, questiona-se que,

Pela evidência do conflito que essa relação apresenta, é comum nos perguntarmos por que o lugar “institucional escola” configura uma resistência histórica a novas teorias, novos discursos, experiências novas (FURLANETTO, 2007, p. 146).

Diante dessa contradição, o que faz dessa concepção de ensino de gramática um dos principais conceitos, se não o mais indicado para alavancar, numa perspectiva de inovação, o ensino de língua materna, no tocante ao aprendizado de gramática em todos os níveis educacionais? Vejamos suas colocações para tentar entender seu funcionalismo.

Ao definir sua abordagem, mais precisamente na introdução do livro, o autor deixa bem claro que se oporá ao método prescritivo, mostrando que este não se realiza em nível de texto, denominando-o, assim, como “*estuda de gramática*” que se realiza em nível de “*palavras e frases*” (p. 17-18, grifos do autor). Explica que o estudo de gramática em aula de língua materna, na sua concepção, dá-se por atividades que têm como objetivo analisar os usos e efeitos de sentidos dos elementos linguísticos em situações reais, tanto na língua falada

como na escrita, tendo o texto como unidade significativa de análise, sem deixar de lado o enfoque aos gêneros, pois as implicações gramaticais variam em concordância nas suas conformidades (p. 18).

Ainda nessa linha de raciocínio, o autor não descarta o uso da gramática normativa, mas que essa deve servir de subsídios ao aprendizado, podendo ser “o ponto de chegada” da proposta mencionada no livro (p. 18). Completa dizendo que este estudo de gramática no texto é apenas um método inovador para pôr em operação aquilo que já é determinado pelas diretrizes curriculares atuais, tal como os PCN (BRASIL, 1998). Tendo em vista que as concepções das diretrizes curriculares vigentes analisadas são tidas em oposição ao ensino normativo, como enfatiza no trecho:

[...] a metodologia da tradição do ensino gramatical, caracterizada pela “definição, classificação e exercitação” de categorias gramaticais, como o substantivo, artigo, adjetivo ou orações subordinadas e coordenadas, por exemplo, deve ser substituída por atividades didáticas de reflexão sobre a diversidade de usos linguísticos. (p. 28).

Ao analisar o estudo de gramática no texto, referindo-se ao estudo normativo, argumenta que esse método se caracteriza por uma abordagem simplista, “um engano”, diz o autor, e a identifica como sendo “*texto como pretexto para o ensino de gramática*” (p. 24, grifos do autor), já que usa o texto apenas como “subterfúgio ou desculpa” para a análise, sendo desconsiderado para compreensão dos fenômenos linguísticos que compõem o entrelaçamento das implicações de sentido. Ou seja, não cumpre com o ideal posto pelos PCN, já que os gêneros não são focados como influenciadores dos usos e dos elementos que formam a língua.

O estudo de gramática, aqui posto, difere-se do tradicionalismo prescritivista por não enfatizar, de início, o processo de categorização. Ou seja, o método de aprendizagem se consuma em entender “o porquê” das implicações causadas pelas articulações dos elementos linguísticos, enfocando o contexto na totalidade textual. Como bem enfatiza Bechara (2009, p. 56), referindo-se ao assunto como “[...] campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem”.

No segundo capítulo, o autor faz uma análise de livros didáticos usados nas escolas, mostrando pontos relevantes e chamando a atenção para algumas situações nos exercícios propostos com análise linguística em nível textual. Sugere alguns exemplos e maneiras

diferentes de se trabalhar com textos, indicando algumas estratégias que surtem efeitos em sala de aula. Conclui afirmando que os livros são passíveis de serem usados na rede de ensino, contradizendo alguns críticos dos processos didáticos em livros.

No terceiro e último capítulo, é feita uma exemplificação de como se trabalhar, de forma mais produtiva, a gramática em nível textual. Os textos injuntivos são colocados como referência, os quais têm a função de conduzir alguém a efetuar alguma tarefa (p. 71), neste caso, as instruções dos rótulos de diversos produtos. Com isso, o autor mostra o efeito de sentido dos elementos linguísticos que constituem esse gênero textual. Focaliza exclusivamente os verbos e alguns advérbios recorrentes nesses textos que são orientadores de ação.

Aponta ainda que alguns gramáticos cometem equívocos ao conceituar as formas verbais do imperativo, pois nem sempre essas formas verbais expressam uma ordem ou pedido, como se tem visto, e que são poucos os manuais de gramática que conseguem ir além, acrescentando o sentido de “*convite, conselho e sugestão*”. (p. 80 - 81, grifos do autor). Enfatiza que há outros usos gramaticais importantes de se destacar nos textos injuntivos, tais como as formas adverbiais determinantes nas significações expressas pelos verbos; e as formas do infinitivo nominal recorrentes nos textos injuntivos, comprovando que essas marcas linguísticas também exercem funções determinantes nos modos imperativos verbais. Dentro dessa abordagem, afirma que essas orientações podem ser direcionadas nas atividades escolares e no ensino de língua portuguesa em geral.

Diante de um tema tão instigante e, tendo em vista a tradição do ensino arraigado em nossa sociedade, resistente às mudanças, como mostra Piletti (2007 p.130), aponta, como alguns dos motivos para o fracasso escolar, itens como “a monotonia do ensino”, “resistência à modernidade”, “falta de vínculo à vida cotidiana”, entre outros. Isso evidencia que o fracasso escolar se consuma, em parte, pela persistência dos métodos de ensino defasados, que não surtem efeito no processo de aprendizagem por não contemplarem as necessidades educacionais atuais.

Com isso, ao concluir essa análise, percebe-se que os fundamentos postos pelo autor abrem caminho para uma perspectiva que vai além do funcionalismo categórico do ensino/aprendizagem de língua materna, em destaque a gramática. Sem dúvida, a concepção de ensino de gramática em nível textual muda profundamente a maneira de se encarar os desafios do emaranhado mundo da educação, principalmente a educação básica, onde as

---

metodologias empregadas até então têm dividido opiniões acerca de sua eficiência ao que se espera alcançar. Este é o primeiro passo em direção à realização dos anseios de uma perspectiva educacional inovadora, principalmente no sentido de opor-se aos ditames da gramática normativa, pois “as teorias gramaticais modernas tendem a aceitar a classificação tradicional sem suficiência crítica” (PERINI, 2008, p. 82), cabendo, então, àqueles que representam os setores práticos, saber e/ou querer lidar com esse novo panorama do ensino de gramática. Assim sendo, e como enfatiza Brandão em “O que é Educação”:

[...] A necessidade de preservar na consciência dos “imaturos” o que os “mais velhos” consagraram e, ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar tudo o que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho. (BRANDÃO, 1981 p.110).

Retornando ao questionamento sobre a resistência às inovações pedagógicas, tem-se que no ensino,

[...] apesar da boa vontade de muitos profissionais, é desenvolvido com base em esquemas antigos, que, por força de uso, se tornaram praticamente “naturais” por efeito de funcionamento ideológico (mecanismo de neutralização). Seu questionamento e transformação, portanto, mesmo que profundamente desejados, só se fará muito lentamente. (FURLANETTO, 2007, p. 147, grifos do autor).

Acreditamos que, levando-se este estudo com a seriedade que o mesmo exige nos contextos atuais, resultará em subsídios importantíssimos no desenvolvimento de habilidades tanto de leitura como da escrita, tornando as atividades educacionais mais satisfatórias e desafiadoras, que se desembocará num resultado plausível frente às demandas contemporâneas, ou no mínimo, num trabalho mais instigante do que se tem visto atualmente no modelo tradicional de ensino de língua materna no Brasil.

## Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CORREA, Djane A.; SALEH, Pascoalina B. de O. Instituição escola, método e ensino de leitura e escrita. In: CORREA, Djane A.; SALEH, Pascoalina B. de O. (Org.). *Prática de Letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábolas Editora/UEPG, 2007. p. 9-18.

FURLANETTO, Maria M. Práticas discursivas: desafios no ensino de língua portuguesa. In: CORREA, Djane A.; SALEH, Pascoalina B. de O. (Org.). *Prática de Letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábolas Editora/UEPG, 2007. p. 131-150.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1985.

NEVES, M. H. de M. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1999.

PERINE, Mário de A. *Estudo de Gramática Descritiva*. São Paulo: Parábolas Editora, 2008.

PILETTI, Nelson. *Sociologia da Educação*. 18ª ed. São Paulo: Ática: 2007.

SILVA, Wagner. R. *Gramática no texto injuntivo: investigando os impactos dos PCN*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Resenha recebida em abril de 2013.

Aceita em junho de 2013.